



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de
entrega da Ordem Nacional do
Mérito Científico*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 16 DE ABRIL DE 1998

*Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel;
Senhor Ministro da Ciência e Tecnologia, Professor José Israel Vargas;
Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhores Parlamentares; Se-
nhoras e Senhores agraciados; Senhoras e Senhores,*

Serei muito breve, porque o Ministro Vargas já expressou, nas suas palavras, o sentimento do Governo num momento em que é possível agraciá-los com uma prova de reconhecimento do País ao esforço feito pelos senhores e pelas senhoras no desenvolvimento da ciência.

Queria apenas aduzir poucas considerações àquilo que disse o Ministro Vargas, que citou uma das pessoas pelas quais tenho a maior consideração intelectual e amizade pessoal, que é o Professor Hirschman. Não sei, o Ministro Vargas – que é uma pessoa de ampla leitura – deve ter lido os trabalhos do Professor Hirschman na área, também, do desenvolvimento econômico e, se se recorda, o Professor Hirschman tem exatamente a mesma teoria sobre a questão do desenvolvimento, que é aquela que foi sucintamente exposta, aqui, pelo Ministro Vargas, em termos do desenvolvimento científico em geral.

A idéia central do Professor Albert Hirschman sobre os processos de desenvolvimento econômico e social, na época, foi bastante estranha, mas hoje é mais aceita. Ele se referia, na verdade, nesse momento, à América Latina e tinha em mente a literatura que ele conhecia, extensamente, da Europa Central e, enfim, dos grandes momentos do desenvolvimento do capitalismo na Europa e nos Estados Unidos. A pergunta era: “Como é que um país se desenvolve? Como é que um país subdesenvolvido passa para um processo de desenvolvimento?” E havia uma teoria chamada do Primeiro Impacto e várias outras teorias do professor Perroux, como a dos pólos de desenvolvimento. Enfim, não vou, aqui, recordar os meus tempos de professor para fazer sínteses de leituras antigas. Vamos só diretamente às de Hirschman.

O Professor estudava a Colômbia especificamente. Ele se surpreendeu pelo fato de que a Colômbia – me refiro aos anos 50 – estava ainda num processo de subdesenvolvimento bastante profundo. Não obstante, havia alguns setores altamente desenvolvidos. E ele dava o exemplo de uma companhia de aviação na Colômbia que tinha recordes de tudo. Então, a idéia de Hirschman era a seguinte: o desenvolvimento é assim mesmo; de repente, há um núcleo que desequilibra tudo, e o desenvolvimento se dá por esses sucessivos pontos de desequilíbrio que forçam a novos equilíbrios. Enfim, não existe nunca a idéia de um processo econômico, pelo menos histórico, que seja de desenvolvimento harmônico. Desenvolvimento implica choques, contradições – se houver a idéia marxista – e implica, também, que, de repente, haja um momento de perfeição. E essa perfeição no meio de um conjunto não está à altura daquela perfeição; mas, depois que isso ocorre, até mesmo por processo de imitação ou processo de emulação, isso tem um efeito em cadeia.

Mais tarde, a partir dessa idéia, o Professor Hirschman desenvolveu outra teoria sobre o desenvolvimento que se chama encadeamento – eu me lembro do nome em inglês e não quero falar –, encadeamento para trás e para frente, dos processos de transformação. Há transformações que provocam o desenvolvimento para frente e outras transformações que produzem uma reforma do que já está feito. Então, há desenvolvimentos para trás. Enfim, ele, assim, desenvolve toda uma teoria.

Por que estou me referindo a isso? Não só pela alegria de falar do Professor Hirschman, que foi aqui mencionado, mas porque isso tem a ver com a ciência em geral e, também, com a criatividade em geral. Recentemente, fiz uma palestra numa instituição de Medicina. E fiz de improviso. Depois os jornais publicaram comentários, alguns até bem disparatados, a respeito do que eu teria dito. Nessa palestra, eu estava discutindo ciência e política, essa temática tão antiga e sempre tão apaixonante. E como um professor francês, que lá estava, me tinha falado sobre os acontecimentos de Nanterre, em maio de 68 – eu tinha sido professor nessa época, lá –, juntei, um pouco forçadamente, algumas idéias para encaixar no que estava dizendo sobre a imaginação. Aqui, não é forçadamente.

Na verdade, desenvolvimento se faz daquela forma como disse – assim também o desenvolvimento científico, desenvolvimento social, etc. –, através de desequilíbrios sucessivos; mas não se faz se não houver criatividade e imaginação. E os senhores são os mestres dessa matéria. Não há progresso na ciência, em qualquer campo dela que seja, assim como dificilmente haverá progresso na própria sociedade, se não houver a capacidade de propor algo que não existe, de imaginar. A criação implica uma negação do que aí está – se nós formos pelo caminho da dialética – e na proposição de algo que possa modificar e superar aquilo que aí está. Há um momento de criatividade. Sem isso, nada avança.

Portanto, no mundo contemporâneo, um mundo que, crescentemente, requer avanços e que está crescentemente, digamos, limitado pelo peso das estruturas, as mudanças dependem dos senhores e das senhoras. (Gostaria de ter dito “de nós”, mas não ousaria mais me assemelhar à condição dos acadêmicos.) Acredito que os avanços dependem crescentemente dessa capacidade inovadora.

E isso nos liga ao que disse o Professor Vargas e ao que disse o Professor Hirschman, ou seja, num país como o nosso, ainda em processo de transformação, é mais importante que nos países já desenvolvidos que nós mantenhamos acesa a chama da criatividade. A ciência é fundamental nesse sentido. E ciência *amplo sensu*: ciências humanas, da

natureza, as ciências mais abstratas, as matemáticas, a filosofia. E criatividade – sem isso, não mudamos nada.

Então, quando o Governo, como hoje, está agraciando um conjunto de brasileiros e brasileiras que se destacaram nos seus diferentes setores, não está fazendo mais do que a sua obrigação e, também, tratando de mostrar exemplos – os senhores e as senhoras são exemplos – para que possamos continuar acreditando que este país vai se transformar, que este país, efetivamente, estará – mais cedo ou mais tarde; estamos nos encaminhando nessa direção – à altura das necessidades do seu povo.

E, entre essas necessidades do povo, diria que a ciência, aliada à imaginação, à criatividade, é algo central. Poderão perguntar: “Se é tão central, porque não se lhe dá mais atenção?” Pelas razões que disse o Ministro Vargas: porque as coisas não acontecem harmonicamente, acontecem um pouco no ziguezague, atende-se ora um setor, ora outro setor, e se entra em contradição; cria-se nova demanda, se critica, se modifica. Mas, isso faz parte do próprio processo de transformação.

O que é importante é que, com todas as dificuldades – que não convém repetir – pelas quais sempre passamos e, provavelmente, continuaremos a passar, porque a História é feita assim, existem aqueles que acreditam, aqueles que trabalham, aqueles que, a despeito de todas as dificuldades, criam.

Não quero fazer, aqui, a defesa da escassez, mas nunca acreditei que a criatividade dependesse só da abundância. Ela depende de algo mais. Não estou fazendo a defesa da escassez, repito. Mas criatividade depende de algo mais, depende de uma paixão, de uma paixão que é íntima, de uma convicção, de uma vontade que, talvez, não se explique, de propor algo que ninguém viu. E esse “algo que ninguém viu”, esse novo, essa criatividade em qualquer setor da criação humana, da atividade humana não é predeterminado, não pode ser predeterminado. O que não quer dizer que seja indeterminado. Claro, se essas pessoas não tiverem laboratório, se não tiverem escola, se não tiverem bibliotecas, se não tiverem algum apoio, se não tiverem um relacionamento com o meio científico, com o meio cultural em geral, se não tiverem condições mínimas, não fazem nada.

Mas, feliz ou infelizmente, só elas não bastam. É preciso que haja esse *plus*, esse mais. Os senhores fazem parte de um pedacinho do Brasil que dispõe desse “algo a mais”. Criaram muita coisa. Em nome do País, eu lhes agradeço.

Muito obrigado.